A PAISAGEM SOB A PERSPECTIVA DA PERSONAGEM ROSA NO CONTO ROSA DA OBRA "VERANICO DE JANEIRO", DE BERNARDO ÉLIS

THE LANDSCAPE FROM THE PERSPECTIVE OF THE CHARACTER ROSA IN VERANICO DE JANEIRO BY BERNARDO ÉLIS

EL PAISAJE DESDE LA PERSPECTIVA DEL PERSONAJE ROSA EN EL LIBRO DEL VERANO DE ENERO DE BERNARDO ÉLIS

Maria Cecília Ribeiro Abdalla (UEG)[1]

Resumo: Analisando a paisagem como elemento diferencial na interpretação e reconhecimento não somente de um ambiente físico, mas, também, como delineador cultural e humano, este artigo busca compreender como se manifesta o homem enquanto parte integrante dela, a qual é humanizada pelos indivíduos que a constituem e a modificam de alguma forma. Mas essa análise se dará pela visão feminina de Rosa, personagem do conto *Rosa* do livro *Veranico de Janeiro* de Bernardo Élis. Quais seriam as diferenças intrínsecas desse olhar feminino e tão diverso dos descritos pelas personagens masculinas que dominam as narrativas na Literatura Brasileira. Compreender a forma com que Rosa percebe o mundo a sua volta e contribui para a formação desta paisagem em que vive. Tal estudo dar-se-á baseando-se em autores que compartilham deste pensamento como Bachelard (1958), Cosgrove (1987), Claval (2001), Bertrand (2009), Cabral (2007), Hall (2000), Delcastagnè (2020), Xavier (2023).
Palavras-chave: Paisagem. Visão feminina. Rosa. Literatura.

Abstract: Analyzing the landscape as a differential element in the interpretation and recognition not only of a physical environment but also as a cultural and human delineator, this article seeks to understand how man manifests himself as an integral part of it, which is humanized by the individuals who make it up and modify it in some way. But this analysis will take place through the female vision of Rosa, a character in the short story Rosa from the book Veranico de Janeiro by Bernardo Élis. What are the intrinsic differences in this female gaze, which are so different from those described by the male characters who dominate the narratives in Brazilian literature? To understand how Rosa perceives the world around her and contributes to shaping the landscape in which she lives. This study will be based on authors who share this thinking, such as Bachelard (1958), Cosgrove (1987), Claval (2001), Bertrand (2009), Cabral (2007), Hall (2000), Delcastagnè (2020) and Xavier (2023).
Keywords: Landscape. Female vision. Rose. Literature.

[1] Pós-graduanda stricto sensu no Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade pela UEG-Campus Cora Coralina-Cidade de Goiás. Bacharel em Direito pela UNI-ANHANGÜERA-GO, Licenciada em História pelo IESA-DF. Pós-Graduada Em Identidade, Cultura e Região - UEG - Unidade Universitária de Itapuranga-GO. E- mail: mcecy1972@gmail.com. Número de ORCID: 0000-0002-6927-8778.

Resumen: Analizando el paisaje como elemento diferencial en la interpretación y reconocimiento no sólo de un medio físico, sino también como delineador cultural y humano, este artículo busca comprender cómo el hombre se manifiesta como parte integrante de él, que es humanizado por los individuos. quienes lo constituyen y lo modifican de alguna manera. Pero este análisis se basará en la mirada femenina de Rosa, personaje del cuento Rosa em el libro Veranico de Janeiro de Bernardo Élis. Cuáles serían las diferencias intrínsecas de esta mirada femenina y tan diferente de las descritas por los personajes masculinos que dominan las narrativas en la literatura brasileña. Comprender la forma en que Rosa percibe el mundo que la rodea y contribuye a la formación de ese paisaje en el que vive. Tal estudio se basará en autores que comparten este pensamiento, como Bachelard (1958), Cosgroove (1987), Claval (2001), Bertrand (2009), Cabral (2007), Hall (2000), Delcastagnè (2020), Javier (2023).
Palabras clave: Paisaje. Visión femenina. Rosa. Literatura.

INTRODUÇÃO

Partindo da análise da paisagem como elemento diferencial na interpretação e reconhecimento não somente de um ambiente físico, mas, também, como um delineador cultural e humano capaz de reconhecer os elementos culturais que demonstram as particularidades de uma cultura de povos de estilo de vida particulares que compõem a história de um local ; este artigo busca compreender como se manifesta a influência humana enquanto parte integrante dela, a qual é humanizada pelos indivíduos que a constituem e a modificam de alguma forma.

Essa paisagem cultural não se delimita ao material, ou seja, sua transformação visível do espaço, mas se apresenta com valor simbólico, artístico ou moral, expressando o pensamento humano ou de uma coletividade. Mas essa análise se dará pela visão feminina de Rosa, personagem do conto *Rosa* da obra *Veranico de Janeiro* de Bernardo Élis. Quais seriam as diferenças intrínsecas desse olhar feminino e tão diverso dos descritos pelas personagens masculinas que dominam as narrativas na Literatura Brasileira. Compreender a forma com que Rosa percebe o mundo a sua volta e contribui para a formação desta paisagem em que vive.

Embasando nas concepções de Bachelard (1958), refletimos sobre as relações simbólicas norteadas pela relação real X imaginário na construção de um princípio embasado na fenomenologia.

Analisar a paisagem percebida por Rosa, protagonista de sua própria história e de sua cultura

intrínseca, compondo-a em formato de hipertextos que podem ser emergencialmente formadas a partir das iconografias representativas das memórias contidas na personagem.

Esse desafio levará ao conhecimento do ponto de vista feminino em reconhecer-se como parte integrante de uma sociedade patriarcal, machista , racista e autoritária.

ROSA: UM CONTO CONTADO DE UMA CONTADORA

Com uma linguagem poética capaz de envolver o leitor e levá-lo a uma leitura reflexiva ,a narrativa se desenvolve com fatos cotidianos da família do próprio autor à partir da chegada de uma figura misteriosa e simples:Rosa,a protagonista.

Com uma linguagem expressiva e metafórica o ambiente natural é incorporado à narrativa como forma para demonstrar a ligação da personagem com o meio ambiente. O conto "Rosa" aborda temas como a relação entre o homem e a natureza na construção do saber popular e no comportamento dos indivíduos diante das intempéries do tempo, do clima da região,da vegetação que compõe o espaço habitado, a força da mulher e sua persistência diante do preconceito e da discriminação que sofrem na sociedade, a dureza da vida no sertão com as dificuldades de se estabelecer naquele local devido a dificuldade de acesso às condições m´´inimas de sobrevivência, isolamento dos núcleos urbanos e falta de infraestrutura local e a esperança na chuva, grande desafio climático devido às duas estações bem definidas (verão e inverno) que proporcionava longos meses de estiagem no local. O autor faz um convite à reflexão acerca da nossa própria relação com o meio ambiente e com as pessoas ao nosso redor,trazendo as relações do cotidiano para serem analisadas e questionadas .

O discurso indireto livre permite ao leitor ter acesso aos pensamentos e sentimentos de Rosa, sem que o narrador precise interromper a narrativa para introduzir a fala da personagem,promovendo diálogos seccionais ao longo da narrativa, oque a torna uma narrativa mais lenta,sem contudo perder a envolvência da leitura.

Bernardo Élis utiliza diversos recursos narrativos para construir a história de Rosa, como a descrição dos sinais da natureza e suas conotações interpretativas pelas personagens ,principalmente Rosa, a caracterização da personagem, a linguagem poética e a alternância entre o tempo presente e

o tempo passado. Esses recursos narrativos contribuem para criar uma atmosfera envolvente e ao mesmo tempo reflexiva ,aproximando o leitor do enredo narrativo ,permitindo que ele se identifique mais com a história e com as personagens.

A CHEGADA DE ROSA

O conto *Rosa* de Bernardo Élis começa com a frase "Em uma hora de almoço" ; o autor ressalta na utilização de todas as letras de formato maiúsculo a importância deste momento para a época. O horário de almoço representa um momento muito íntimo para aquela família e de uma importância sem precedentes uma vez que se percebe que o termo "dia" na oração seguinte não é dado a devida relevância à formalidade do momento das refeições em família.

O momento das refeições era um ritual dotado de muitos significados, era um momento de confraternização, mas, também um ritual hierárquico. A disposição das pessoas à mesa retratava essa hierarquia não só nos lugares de ocupação, mas também na colocação da própria comida no prato, que deveria seguir uma ordem que começava pelos mais velhos. Rosa vai surgir neste momento, será uma ruptura ao continuísmo hierárquico familiar naquela casa,

> O filho parou de comer, olhou para o pai e depois interrogou a mãe com um olhar. A mãe deu as feições um ar cômico de espanto, como quem diz: sei lá o que é isso! Seu Reimundo percebeu todos os gestos, mas fez de conta que os ignorava e continuou contando um caso[...] Sim, mas acontece que seu Reimundo tinha uma jeriza da nada de que o procurassem durante as refeições. (ÉLIS, Bernardo, 1979, p.59).

A narrativa do dia, do momento vivido com a chegada de alguém à porta naquele momento é percebido pelo chefe do clã como um infortúnio. Percebe-se que havia uma questão global ali sendo tratada que era a desigualdade social. Não tratada no "causo" de Seu Reimundo, mas na possibilidade iminente de terem que dividir os alimentos já escassos na época pelo desabastecimento das regiões auríferas que, após a decadência da mineração, passaram por grande estagnação financeira ficando à parte do processo expansão comercial. Assim, a chegada de alguém à porta era um prenúncio de uma mudança de estado, de momento, de circunstâncias.

O ambiente do sertão retratado por Bernardo Élis evidencia toda essa perspectiva de desigualdades, de uma sociedade dominada por coronéis que, usando de sua condição de poder

político e econômico, exploram os mais vulneráveis de forma cruel e subjugada. É nesse cenário que se assenta Rosa, moça nova que, após perder seus pais, se vê em uma situação de total abandono e busca refúgio e moradia naquela casa. Como afirma Cosgroove (1993, p. 8), a paisagem representa as relações entre a vida humana e a natureza, instituindo-se "[...] um poderoso meio através do qual sentimentos, ideias e valores são expressos".

A narrativa vem acontecendo no texto com diálogos entre as personagens que compõem o núcleo familiar, mas após o início da apresentação de Rosa à porta, as respostas de Rosa são transpostas para a narrativa indireta onde o autor passa a falar por Rosa. Fica ali demonstrado a insignificância de Rosa para a sociedade da época. Como afirma Delcastagnè (1990), o universo literário é ocupado predominantemente por homens que, mesmo solidários à questão feminina, os homens nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente.

Rosa não é descrita fisicamente, não se externa sua aparência pois o enfoque será dado aos seus atributos serviçais. Rosa é colocada na posição que a sociedade a impõe: serviçal, afazeres domésticos e nada mais. Percebe-se no trecho abaixo a interpretação de Rosa pelos que a acolheram.

> E Rosa se foi ficando para lavar uma roupa, rachar lenha, pilar arroz, socar paçoca, capinar quintal, torrar e socar café, fazer sabão, buscar água na bica. Cozinhar ela bem que principiou, mas dona Rita desistiu (ÉLIS, Bernardo,1979, p.62).

Esse trabalho relatado pelo autor são os afazeres domésticos que se destinavam aos serviçais da época, que seguiam os moldes do escravismo, pois eles eram trocados por acomodações e alimentação, sem qualquer remuneração.

Essa personagem traz consigo segredos não revelados de um passado que pode ser imaginado pelo leitor vez que as mulheres não tinham independência para decidir sobre suas vidas, ou desejos, mas seguiam a determinação da figura paterna até o matrimônio e adiante ao cônjuge. Essa sociedade patriarcal anulava a figura feminina reportando sua importância à procriação e serviços domésticos.

A percepção de Rosa sobre a paisagem em que se encontra inserida em muito diverge da percepção masculina sobre essa mesma paisagem na qual se figura a sociedade patriarcalista da época. Rosa se vê naquele universo, mas reluta em ceder às suas imposições. Suas fugas de convívio com os indivíduos, principalmente do sexo masculino nos mostra isso.

Rosa, em todo tempo, faz questão de se manter independente, em seu mundo que às vezes tramita entre o real e imaginário. Busca nas lembranças familiares sua identidade, mas se esconde nas tarefas diárias para abafar os sentimentos que a podem fazer fraquejar. Descobre em suas vivências elementos que a situam em alguns momentos como protagonista de conhecimentos. Assim, essa personagem é capaz de construir uma percepção diversa da paisagem e se colocar de maneira transformadora no universo feminino da época.

Como afirma Michel Collot (2014):

> A paisagem não é um puro objeto em face do qual o sujeito poderá se situar numa relação de exterioridade, ela se revela numa experiência em que sujeito e objeto são inseparáveis, não somente porque o objeto espacial é constituído pelo sujeito, mas também porque o sujeito, por sua vez, encontra-se englobado pelo espaço. (COLLOT, 2014, pp.18- 19).

A forma de se apreender em uma paisagem não é tão coletivo quanto se pensa, cada indivíduo a vê de uma forma, e se porta diante das circunstâncias das mais variadas maneiras. Com Rosa percebe-se que, ela é para si algo diverso do que vem a ser para os outros, vez que o autor a recria a partir do momento em que a conhece. Não seria mais ela, Rosa, pois o espaço vivido acabara de ser readaptado e reestruturado em outra base de costumes e tradições. Assim, abordando Collot, Rosa passa a integrar o espaço familiar de Seu Reimundo e, mesmo o modificando, se achará agora pertencente a ele.

Rosa é aqui um **corpo invisível**, como classificado por Elódia Xavier (2021, p.21) ,é um corpo apagado, não tendo expressividade e percepção enquanto ser que expressa opiniões e impõe seus pensamentos,é “[...] a inexistência da mulher como sujeito do próprio destino”. A personagem assume aqui uma dualidade de desejos, em primeiro lugar ela se esconde para garantir uma imaginada segurança

> Nutria pela rua um surdo receio, incerto temor de dano ou possível perigo, olhando-a às escondidas, como se olha um bicho feroz ou nojento. Quando chegava à porta ou à janela, o que era muito raro metia a metade da cara, conservando a outra metade oculta. A igreja ia de noite e lá ocultava se num canto escuro, bem atrás, debaixo da escada do coro, de parelha com a preta Inácia, que a ensinou a embrulhar-se no xaile, misteriosamente. (ÉLIS, Bernardo,1979, p.62)

Por outro lado, ela quer conquistar seu espaço, embora saiba que suas chances são muito remotas. Ela se impõe e força sua estadia naquela casa, demonstrando bem o que queria, pois diante da adversidade de estar sozinha em ambiente desconhecido precisava enfrentar os desafios e organizar suas necessidades mais imediatas de acomodação e subsistência. A figura feminina à época era vinculada à uma masculina de forma subalterna, o que a impedia de "ser" ou "estar" sem que tivesse esta vinculação estabelecida. Jovens órfãs eram entregues aos cuidados da Igreja ou aos "padrinhos" batismais, que seriam tutores destas até o casamento quando então seriam tuteladas por seus cônjuges. Rosa se perdia em pensamentos longínquos, os quais eram chamados de "estupor" pelos que conviviam com ela ali, mas nestes momentos o autor afirma que esta se dissolvia no ambiente. Sua invisibilidade momentânea não a torna inexistente, mas a coloca como mero objeto, um simples adorno que deixa sua figura feminina ainda mais inferiorizada.

> Calma, sempre séria, nunca loquaz, ela ficava um tempão danado quieto na cozinha, numa quieteza tão humilde e vegetal que a gente tinha a impressão de que ela se dissolvia no ambiente. Identificava se, nesses momentos, de tal forma com a natureza que as rolinhas fogo- apagou, que fogo- apagavam no telhado da casa pelas três horas da tarde, desferiam seus voos curtos e sibilados e vinham pousar na cozinha, para pinicar o arroz que Rosa catava no apá de seda do buriti. (ÉLIS, Bernardo,1979, p.63).

Na inércia deste corpo vê-se a peronagem se dissolver no ambiente ,o que a tornava um mero objeto, quase imperceptível ,na sociedade e no meio familiar em que vivia.

"TODA IMAGEM É REVELADORA DE UM ESTADO DE ALMA" (BACHELARD, 1993, P. 401)

Partindo desta assertiva de Gaston Barchelard (1993) em *A poética do espaço,* as visões atribuídas à Rosa pelo narrador revelavam uma paisagem hostil a que ela se via inserida, ou melhor, que a viam inserida, uma vez que que a retórica do autor animaliza suas ações apregoa a perda de suas memórias ao ponto de atribuir-lhe características de animais como a presença de um "focinho"

(Élis, p.63) e igualava aos pássaros sua percepção dos tempos chuvosos vindouros.

O narrador compõe os pensamentos de Rosa com momentos de grandes dificuldades impostas pelo ambiente hostil do sertão que são obstáculos para serem traspostos a fim de proporcionar as condições necessárias à sobrevivência dos indivíduos que ali habitam. Essa paisagem é inferida na própria personagem que se vê emaranhada neste meio hostil e assim, coordena suas ações com igual hostilidade. Assim, Rosa é, além de ocupante desta paisagem, seu próprio reflexo.

> [...] seres suarentos, enovelados em músculos, derrubavam roças com pesados machados; chamas desvairadas devoravam campos e matas; lutas, queixumes amargo de morte, de trânses dolorosos de ingratidão e sofrimento ignorados; vozes falando linguagem pesada de feitiços e superstições; muitas murmurações povoavam o silêncio da mulher. (Élis, Bernardo,1979, p.63).

A vinculação de Rosa às suas memórias é imprescindível para sua transformação ao longo da narrativa e a percepção ao meio a que está inserida. O resgate dessas memórias se dá com a chegada de conhecidos à venda de Seu Reimundo. O simples ouvir de vozes conhecidas libertam da personagem algo que, até então estava na dormência-sua própria história de vida. É naquele instante que Rosa se reencontra com o seu ‘eu”, sua essência.

Nesse ponto da narrativa, a percepção de Rosa acerca da paisagem em que está inserida passa a se modificar com o acoplamento desta memória carregada de valores e costumes até então congelados pela perda de seu referencial familiar patriarcal.

> Rosa falou, indagando como iam as coisas no Sertão, lembrou nomes, pessoas, lugares, falava de banda, a cara pra lá. Depois repostou o magro e todos ouviram contritamente. [...] Rosa nesta tarde estava desenvolta, satisfeita, completamente livre. (ÉLIS, Bernardo,1979, p.66).

Como afirma Claval (2001, p.92) “[...] a mobilidade e o horizonte dos homens diferem daquele das mulheres: em muitas sociedades, os deslocamentos destas são vigiados, às vezes entravados por regras e proibições múltiplas”, e, é neste mundo de regras e limitações que Rosa, paulatinamente, se impõe e se difere da trivialidade pois não tem no casamento seu direcionamento nem tampouco na vinculação paternalista que outrora foi deixada em longínquas terras após a morte de seu pai.

Mesmo estando em ambiente urbano, Rosa permanecia na paisagem rural, não compreendia um espaço onde não se não se fazia roça, não se criava bois, cavalos, não se usavam teares nem tampouco faziam chapéus e sabão. O universo industrializado, chamado à época de "progresso" não era compreendido por Rosa, isso a afastava daquele ambiente e a remetia aos longos momentos de estupor; era sua fuga para a paisagem em que se via.

MISTICISMO, RELIGIÃO E O "CREINDEUSPADRE": A LINGUAGEM COMO FONTE DO SABER POPULAR DE ROSA

A linguagem de Rosa é carregada de expressões místicas e religiosas que demonstram suas crenças e valores passados por seus ancestrais, valores estes que não eram de conhecimento de todos à sua volta e que passaram a ser assimilados a partir do momento em que eram compartilhados com os indivíduos que ela passara a conviver.

No trecho a seguir o autor reproduz em forma de citação indireta uma de suas crendices .

> Quede os meninos? Por onde andavam eles que não espantavam o diabo daquela galinha que estava cantando de galo? Isso era um sinal de azar, era mau algouro, minhas almas do purgatório! (ÉLIS, Bernardo,1979, p.65).

As citações indiretas das falas da personagem refletem a fusão entre o real e o imaginário, entre a "verdadeira" e a "falsa" Rosa. Uma personagem criada a partir de uma mulher cuja existência fez parte da vida do autor. A narrativa é um emaranhado de fatos que não temos como distinguir entre o que é real e o que é construção literária do autor. *Veranico de janeiro* trás, no conto *Rosa*, não só o cotidiano de Bernardo Élis como também sua forma de perceber a paisagem que se estruturava à sua volta.

Personagens folclóricos compunha a narrativa trazendo a cultura popular para o universo literário, essa compilação de saberes populares, folclore, misticismo e crendices, devoção religiosa estampa o cenário da época. A interação dos indivíduos com a natureza cria crendices e saberes populares que determinam as relações humanas destes indivíduos ao longo dos tempos.

> O vento soprava rasteiro e incerto, mudando sempre de rumo, como que caçando jeito de campear as chuvas pelos quadrantes do horizonte. Quando a ventania bulia com o folhame, Rosa fazia uma cruz com os dedos indicadores, mode espantar o Saci:" Tesconjuro, bicho

> feio! (ÉLIS, Bernardo,1979, p.67).

Os períodos de seca e inverno delimitam o cotidiano dessas pessoas e as tornam partes integrantes do ciclo produtivo da natureza. Rosa é descrita dentro desse ciclo como predizente da alternância dessas estações uma vez que seus períodos de "estupor" eram considerados prenúncio do período chuvoso.

> Chuva não tardaria. O urro de jumento, rascar impertinente de "rapa- cuias", gritos estrídulos dos pica-paus cutucando as guarirobas, a ronda do gado pelos currais, berrando, berrando-tudo anunciava as águas de modo iniludível. Rosa também as anunciava. Lá estava ela esquecida de si mesma, no fundo do quintal, banhada da luz vacilante dos garranchos queimados, estática, como se ouvisse o pipocar do chuvisco nos buritizais do Sertão. (ÉLIS, Bernardo,1979, p.69).

Sua conexão com o meio em que vive é tão profunda que ela parece pressentir a chuva, como se estivesse sintonizada com os ritmos da terra.Ela se vê encrustrada nessa paisagem em uma sintonia sensorial com seus elementos,se fazendo sensível às suas mudanças e transformações. A comparação com o "pipocar do chuvisco nos buritizais do Sertão" reforça essa ligação.

ROSA: UMA PERSONAGEM EM CONSTANTE (TRANS)FORMAÇÃO IDENTITÁRIA

A descrição da personagem Rosa pelo autor a coloca numa esfera praticamente assexuada vez que contrasta com a delicadeza do elemento condizente com seu nome. Ao se perceber a "rosa", a imagem que se forma é de algo delicado, tenro, frágil, se opondo à descrição literária do enredo.

> Sempre suja, metida num vestido de algodão cru, tomando banho raríssimamente, dormindo sem lavar os pés, fedendo a suor acre de cavalo pisado, mijando em pé e enxugando as pernas com a saia. Muitas vezes dormia na cozinha, encostada na fornalha, a cabeça do cachorro- Tigre -no colo. [...] O vulto ossudo de rosa recortava-se diante das chamas até noitão[...] (ÉLIS, Bernardo,1979, p.67).

O autor transmuta entre o masculino e o feminino ao atribuir a Rosa características que encampam ambos os sexos, trazendo uma indefinição de gênero à mesma. Essa indefinição nos revela a transfiguração que ocorre entre o autor, a personagem Rosa e Rosa. Essa tríade traz para o enredo uma riqueza de detalhes, intensidade de emoções e conteúdo histórico além de proporcionar o surgimento de uma personagem que possui uma vasta complexidade.

Como afirma Hall (2006):

> […] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas […]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, Stuart,2006. p.13).

Perceber a identidade de Rosa ao longo da narrativa não é tarefa fácil visto que ela assume essas diferentes identidades durante a composição textual, uma vez que alterna entre seu universo feminino, frágil, subjugado, subalterno, invisível, com universo masculinizado do meio em que vive nesta sociedade patriarcal, machista, dos anos 1940 e 1950, e ainda, com a paisagem vivida pelo autor ao longo de sua vivência, expondo as fragilidades, as incertezas e as dificuldades enfrentadas para sobreviver, transformar, superar e compor a paisagem em que se encontra inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A protagonista Rosa, personagem do conto de Bernardo Élis, é a representação da fusão do real e do imaginário, que traz consigo as mazelas sociais da sociedade goiana dos anos de 1940 e 1950 na visão de um literato que trouxe à tona o universo feminino no período reportado no enredo do conto. Expondo a situação de inferioridade com que as mulheres eram tratadas na sociedade e restritas ao universo do lar e dos serviços doméstico, impedindo que exercessem vontades próprias e sendo subjugadas aos desejos masculinos e regras impostas quanto suas limitações à uma condição de invisibilidade, chegando a ser reduzida à condições tão inferiores que eram vistas de forma animalizada, atribuindo às mesmas características primitivas de desenvolvimento.

> No fundo do quintal de seu Raimundo a fumaça da coivara agitava se ao vento, erguendo-se a custo tô no céu baixo e brancacento, enquanto rosa, cara erguida perscrutava o Breu, farejando a chuva, tentando recompor ali o ambiente perdido do distante Sertão[...](ÉLIS, Bernardo,1979, p.71).

Com uma narrativa que beira o fantástico, a abordagem da personagem Rosa tem desfecho inusitado com o sumiço desta no final do conto. Rosa desaparece levando consigo toda a bagagem

cultural que determinou a cultura popular, os saberes populares, o folclore, o misticismo e as crendices, a devoção religiosa que constituía a paisagem cultural da época.

Rosa deixa para trás tudo que a incorporou àquela paisagem, e, como num passe de mágica, deixa de existir onde nunca existiu,para passar a existir em si mesma.Romper com a face do continuísmo de labores domésticos para iniciar sua trajetória singular como dona de seu próprio destino.A transição do inexistente, do inexpressivo para o encontrar-se em seu eu. Agora ela deixa de ser uma rosa para ser ROSA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993

BERTRAND, Claude; BERTRAND, Georges. **Uma geografia transversal e de travessias:** o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Organização: Messias Modesto de Passos. Maringá: Massoni, 2009. p. 33-47

CABRAL, Luís Otávio. **A paisagem enquanto fenômeno vivido.** Programa de Pós graduação em Geografia da UFSC.Geosul, Florianópolis, v.t5,0.30, p 34- 45,jul./dez.2000

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** 2. ed revisada. Florianópolis: Editora da UFSC,2001.

COLLOT, Michel. **Pontos de vista sobre a percepção das paisagens.** Boletim de Geografia Teofl3tica, Rio Claro, v. 20, n. 39, e. 21-32, 1990.

CORRÊA, R. L. Denis Cosgrove. **A paisagem e a imagem.** Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, n. 29 p. 7-21, 2011.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas.** In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) *Paisagem, Tempo e Cultura.* Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 (1989). p.92-123.

DALCASTAGNÈ, Regina. Imagens da mulher na narrativa brasileira. **O Eixo e a Roda:** Revista de Literatura Brasileira, [S.l.], v. 15, p. 127-135, dez. 2007. ISSN 2358-9787.Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267>. Acesso em: 22 ago. 2023. DOI: http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.15.0.127-135.

ÉLIS, Bernardo. **Veranico de Janeiro.** 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** São Paulo: DP&A, 2006.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.